



SABER E FÉ



Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2016 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

04

A CONSTRUÇÃO DO FUTURO

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA



Conteúdo multimídia e avaliação final



www.saberefe.com/area-do-aluno

Versão da matéria: 1.0

Para verificar se existe uma nova versão para este curso e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

- 03 ► Introdução geral à escatologia
- 04 ► Capítulo 1 ▼ O amanhã é inevitável
- 06 ► Capítulo 2 ▼ Toda pessoa possui uma escatologia
- 08 ► Capítulo 3 ▼ O amanhã começa hoje
- 10 ► Capítulo 4 ▼ As Escrituras Sagradas
como fonte do pensamento escatológico
- 12 ► Capítulo 5 ▼ A escatologia no Novo Testamento
- 14 ► Capítulo 6 ▼ Concepções acerca do futuro
- 16 ► Capítulo 7 ▼ A escatologia no Novo Testamento
- 18 ► Capítulo 8 ▼ Fuga do tempo
- 22 ► Capítulo 9 ▼ O futuro igual ao presente
- 24 ► Capítulo 10 ▼ A construção do futuro
- 24 ■ Uma breve história da utopia

34 ► Capítulo 11 ▼ A possibilidade de mudar o futuro

37 ► Capítulo 12 ▼ A invasão do futuro

38 ■ O futuro glorioso

40 ■ O futuro tenebroso

42 ► Capítulo 13 ▼ Escatologia mínima

46 ► Conclusão

47 ► Referências bibliográficas

▼ Introdução

Ao iniciarmos nossa viagem por esse tema da teologia, estamos tratando de assuntos geralmente ignorados. Embora possa parecer um paradoxo, o termo “escatologia” é demasiadamente técnico, e, portanto, nem sempre discernível.

No decorrer de nosso estudo perceberemos quão sério é este assunto, independente do valor a ele atribuído, quer pelas massas, quer pela classe pensante. No momento em que isolamos o pensar e o saber sobre o futuro perceberemos que estamos lidando com algo de uma grandiosidade ímpar. Então estaremos conscientes de não estarmos tratando de um assunto supérfluo ou periférico, mas de questões que se encontram mesmo no cerne da vida.

Para alguns, pode parecer exagero, mas veremos que a vida, na maioria das vezes, é vivida mais em função do futuro que em função do presente. As razões do hoje são buscadas não tanto nas cavernas e nas covas do ontem, mas nos alicerces do amanhã. A escatologia é um estudo fascinante e quando pesquisado em seus diversos prismas e nuances apresenta sua grandeza e a indispensabilidade de seu conteúdo. À medida que crescemos no conhecimento desses conteúdos, tornamo-nos mais e mais cômicos de que o homem também é um animal escatológico.

Capítulo 1

▼ O amanhã é inevitável

O amanhã é inevitável. Inexoravelmente tudo caminha para ele e a ele se destina. Na ampulheta do universo a areia escorre e não pode ser contida de forma alguma. A cada momento, segundo a segundo, o futuro chega e a forma definitiva que ele tomará em sua plenitude tornar-se-á evidente em algum momento. A verdade é que o futuro existe, senão como fato, ao menos como certeza, pois sempre haverá um amanhã, seja ele qual for.

Nada nem ninguém foge do amanhã. Existir é rumar para o futuro. De fato, o futuro não nos pertence, mas nós definitivamente pertencemos a ele. Quem pode pensar, inevitavelmente pensará acerca do futuro. De certo modo, tudo mora na mansão do amanhã, para usar uma expressão de Gبران. O hoje nada mais é que uma transição, um momento de tempo, um segmento do rio que corre até o seu destino.

Viver somente o hoje, sem pensar no amanhã, não anula o futuro de forma alguma. Ele tem sua existência independente de nossa vontade, de nossas opiniões, de nossas crenças. Ele vem e chegará com certeza, mesmo para aqueles que procuram ignorá-lo. E quando ele chegar, trará a resposta para muitas perguntas que dominam hoje o cenário da humanidade. Quando o futuro chegar ele não se importará com os enganos e mentiras espalhados ao longo do tempo. Ele será o cumprimento exato do que deve ser. O futuro exporá a verdade e destruirá completamente a mentira.

De certa forma, o futuro é como Deus, completamente invisível aos sentidos, mas real. Só pode ser alcançado pela fé. Sua existência é simultaneamente um mistério e um axioma.

É quase impossível existir e não pensar nesse amanhã, seja o amanhã imediato, seja o amanhã longínquo. Todas as pessoas estão plenamente cientes de que o mundo se move em alguma direção, por mais oculta que ela esteja e, portanto, tentam penetrar nesse espesso véu para descobrir como será o futuro. Esse futuro ocupa boa parte de nossos pensamentos, anseios, reflexões. O amanhã existe e nos incomoda, não apenas o amanhã individual, mas também o amanhã universal, o amanhã cósmico. Quando trabalhamos, lutamos, sofremos, nós o fazemos pelo amanhã. Para nós, hoje, tudo é semente. O fruto está no porvir.

Por estranho que pareça, passado e futuro ocupam mais a mente do ser humano do que propriamente o presente. Lembranças e expectativas constantemente deslocam o homem do hoje e o transportam para longe do seu “agora”. Lembranças e expectativas boas geralmente nos alegram e nos estimulam, mas quando não são boas, produzem os traumas e a ansiedade. De qualquer forma, esse transporte a outros tempos muitas vezes reduz nossa existência atual a uma corrente de águas que flui por entre nossos dedos e, por isso, não desfrutamos do nosso “agora”. Nosso lamento pelo “ontem” e nosso anseio pelo “amanhã” tornam nosso “hoje” algo menos do que deveria ser. Sobre isso se expressou Blaise Pascal: “Nunca nos atemos ao presente; apropriamo-nos antecipadamente do futuro, como se ele viesse muito devagar, como se quiséssemos acelerar-lhe o passo; lembramo-nos do passado como para segurá-lo, já que desaparece muito depressa. Que insensatez errar por tempos que não são nossos e esquecer o único que nos pertence! Que vaidade correr atrás dos que não existem e perder o único que tem existência (...) Raramente pensamos no presente, e se pensamos nele, só o fazemos para acender a luz de que queremos dispor no futuro. Nunca o presente é meta; presente e passado são meios, o futuro somente é a nossa meta. Assim, nunca vivemos, mas esperamos viver; e assim é inevitável que nós, prontos sempre a sermos felizes, nunca o somos.” (Pensamento 172).

Como podemos perceber, a relação do homem com o futuro é uma ligação muito estreita e impossível de ser ignorada. E se a escatologia, o estudo do *escathos*, das últimas coisas, diz respeito ao futuro, então ela não pode de forma alguma ser ignorada. Ela é parte inerente da nossa existência.

Capítulo 2

▼ Toda pessoa possui uma escatologia

Homem algum existe que não possua uma escatologia. Mesmo desconhecendo o termo, mesmo não possuindo qualquer pensamento consciente ou sistemático acerca do futuro, ainda assim ele é um ser escatológico. Aquele que diz: “Quando eu morrer nada mais haverá”, acredita na aniquilação do futuro. Ele crê que seu amanhã é um nada. Ele “tem fé” de que não deve esperar nada do depois. Nem sempre sua afirmação constitui de fato uma crença, não passando na maioria das vezes de uma rendição à sua convicção de que é impossível saber, ou seja, no final das contas trata-se de um agnosticismo aplicado às coisas do porvir. Ainda assim, tal indivíduo acredita que algo acontecerá no futuro – mesmo que esse algo seja a não existência.

Talvez nem todos ousem pensar no futuro mais amplo, no futuro social, por exemplo, no futuro da humanidade, no futuro do planeta ou no futuro cósmico. Menos pessoas ainda procuram antever além do véu dos séculos, invadindo os milênios futuros, a eternidade. Todavia, a verdade é que o futuro escatológico ocupou e ocupa a mente de muitos pensadores, escritores e estadistas.

Os quadros sinistros para o futuro, propostos pelos ecologistas, nada mais são do que escatologia. Os filmes de ficção científica retratando um futuro sob o domínio das máquinas ou um mundo povoado por viagens intergalácticas nada mais são do que pensamentos escatológicos. Desde o *The day after* (“O dia após”) da década de 80 até o *Matrix*, tudo isso nada mais é do que uma tentativa de antever o amanhã.

Cada religião, cada credo, cada ideologia, e até mesmo o ateísmo, procuraram expressar, ou como teoria ou como revelação, o que virá a ser. Essa atitude é natural no ser humano e não podemos limitar tal comportamento apenas ao homem moderno ou aos iluministas. Também não devemos pensar que apenas as civilizações sofisticadas alimentaram conceitos escatológicos. Um mundo melhor no futuro esteve presente como expectativa entre a maioria dos povos, até mesmo entre aqueles que comumente classificaríamos como “primitivos”.

Podemos citar como exemplo para esse fato a chamada “terra sem males” dos primitivos guaranis da América Ocidental. Eles emigraram para a parte leste do continente em busca desse lugar onde, segundo sua crença, não haveria doenças ou morte. Na obra “Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo”, temos uma descrição dessa “escatologia primitiva”, um conceito de tempos melhores em um lugar melhor que provocou tal migração. Leiamos um excerto da referida obra: “Notável tradição dessas populações é o fenômeno da migração em massa com sentido religioso. O movimento migratório é resultado da crença de que o mundo caminha para o seu fim e será destruído por meio do fogo, consequência da maldade do homem. A tribo empreendia, antes da partida, a ‘dança da Terra sem Mal’, a qual era destinada a ensinar-lhe a rota do paraíso. Caminhando por terra, a meta era atingir o oceano onde, segundo um índio entrevistado por Egon Schaden, ‘é preciso rezar com muita fé’. Ali os índios construíram uma casa de dança onde, imprimindo movimento ao corpo, julgavam ganhar agilidade para a travessia do mar a pé enxuto. O mar então se abriria a seus pés e formaria uma ponte, por onde passariam para a ‘Terra sem Mal’, ou ‘Terra onde ninguém morre’.”

Tais narrativas parecem confirmar a esperança de uma solução para o problema do mal e da morte em algum lugar do futuro. Parecem também demonstrar que há no ser humano, tanto individual quanto coletivo, uma recusa em aceitar como normal o mal e a morte. A cura para tais elementos se encontra em algum outro lugar, seja na esfera geográfica ou histórica, ou ainda supra-histórica. Arriscaríamos até mesmo a dizer que pensar escatologicamente é inerente à espécie humana.

O momento em que isso se manifesta de forma mais clara está na recusa por parte do ser humano com relação à morte. Por mais que alguém saiba que a morte é o fato mais certo da vida, diante dela todos choram e reagem negativamente, como que a protestar contra o fim de alguém que amamos ou mesmo contra nossa própria extinção neste mundo. É como se um grito silencioso fosse dado, contestando a existência da morte e da corrupção. “Mas essa experiência íntima, na qual cada pedacinho da vida é tocado por um pedacinho da morte, transporta-nos além dos limites de nossa existência, fazendo-nos aguardar ansiosamente o dia em que nossos corações se encherão de alegria perfeita, uma alegria da qual ninguém nos arrebatará.

Capítulo 3

▼ O amanhã começa hoje

Não é só o passado do homem que determina o seu hoje, como tanto insistiram os grandes formuladores da ciência da psique humana. Também o futuro do homem, ou melhor, o que ele espera do futuro, determina o seu hoje. Quantos foram refreados em cometer certos atos pelo temor de um julgamento futuro? Quantos não têm se dedicado à prática de boas obras esperando uma reencarnação melhor ou ao menos uma redução de seu carma? Quantos não se preocupam de forma alguma com as ações que praticam por acreditar que não existe um amanhã e tudo se resume ao hoje?

Em seu diálogo “Fédon”, o filósofo Platão narra os últimos momentos de seu mestre Sócrates, condenado a tomar cicuta (veneno). Enquanto seus discípulos se entristeciam e se angustiavam, o ilustre pensador grego estava tranquilo, pois dizia que justamente a função da filosofia era preparar o homem para morte. A razão de sua busca filosófica morava na casa do amanhã.

Podemos ir mais longe. Sistemas político-filosóficos, como o marxismo e o nazismo, tiveram suas ações determinadas muitas vezes por conceitos escatológicos. O futuro, na mente doentia de Adolf Hitler, só seria bom se regido por uma mente superior. A purificação da raça ariana e o extermínio da raça judaica representavam uma purificação que resultaria naquilo que o filósofo Friedrich Nietzsche chamava de “super-homem”, ou para ser mais preciso no termo cunhado por ele, no “além-homem”.

De forma semelhante, as inúmeras mortes perpetradas pelos governos comunistas tiveram como justificativas a criação de um futuro melhor. Era necessário sacrificar as gerações presentes para garantir um mundo melhor para as gerações futuras. Era o pensamento escatológico determinando ações políticas, o futuro criando o presente. Esses homens viam no hoje a semente do amanhã. Seus ilusórios frutos os levaram a semear grãos extremamente venenosos.

Quando Hitler disse que seu Reich duraria mil anos, com certeza falava de um apocalipse todo seu, uma profecia própria, uma enganosa predição que o levou a uma guerra louca: "A maioria das atividades humanas, afinal, é profundamente influenciada por nossas expectativas e esperanças acerca do futuro. O lavrador que semeia na primavera age na suposição de que haverá uma colheita no final do verão. O atleta que treina para um triatlo adotará uma programação condicionada pela data de um evento que ainda não é. Sem uma noção das prováveis consequências das nossas ações, estaríamos tateando no escuro; sem esperança, sucumbiríamos ao desespero cego."

Diante de fatos como esses, pessoa alguma pode ignorar o poder que os conceitos escatológicos possuem para determinar ações no presente. Seus efeitos sobre os atos do presente são constantes e concretos, como vimos, tanto individual como coletivamente. Muito do que o homem realizou, ele o fez por razões arraigadas no futuro. Como disse John Snyder, "as crenças são poderosas. Elas nunca são meras crenças. Elas dirigem exércitos, criam e derrubam impérios, aceleram ou retardam o destino das nações. Isto se dá especialmente quando as crenças são religiosas". E podemos dizer: determinam seu destino eterno. Se alguém crê em uma mentira, não há como receber o que Deus em verdade tem preparado para o homem.

Henri Nouwen nos deu lindas linhas sobre o efeito do futuro em nossos presentes: "O homem ou a mulher sem esperança no futuro não vive de maneira criativa o presente. O paradoxo da expectativa é que os que creem no amanhã vivem melhor hoje; os que esperam que da tristeza surja a alegria descobrem o começo de uma nova vida no centro da velha; os que aguardam ansiosamente a volta do Senhor descobrem que ele já está em seu meio."

Capítulo 4

▼ As Escrituras Sagradas como fonte do pensamento escatológico

Se pensar escatologicamente é condição da existência humana, então a Bíblia não poderia jamais ficar alheia à questão. Pelo contrário, seu forte conteúdo escatológico é conhecido e para muitos se trata de um livro que fala especificamente sobre o fim do mundo.

Ainda que a Bíblia não seja exclusivamente escatológica, ela com certeza destaca a importância do tema em suas páginas. Os temas relativos ao futuro podem ser encontrados abundantemente do Gênesis, seu primeiro livro, até o último, o Apocalipse, cujo grande destaque é justamente o futuro.

Mais do que outros grupos, a consciência do cristão o conduz para um tempo em que tudo será diferente, no qual a redenção predita iniciada na cruz se estenderá pela eternidade. Acima de outras pessoas, o cristão sente que este mundo está fora de seu propósito inicial e acredita que uma transformação é necessária.

Nesse contexto, podemos mencionar que o pessimismo do livro de Eclesiastes, às vezes, nos parece constrangedor (1.2; 2.16; 4.1-3; 6.1-6; 7.1,2; 8.14; 9.3; 12.8). Talvez por isto, alguns rabinos hesitaram em incluí-lo no Cânon. Eclesiastes pinta um mundo onde a morte é melhor que a vida, e a não existência melhor que a existência. Onde coisas ruins acontecem às pessoas boas e coisas boas acontecem às pessoas ruins. Um mundo onde o mal não é punido e o justo esquecido. Um mundo onde parece que não vale à pena ser bom e justo. Um mundo de opressão sem consolação.

Nossa mente evangélica, embebida de uma fé triunfalista, que crê e espera o melhor, prefere muitas vezes “ignorar” certas passagens e considerá-las como afirmações de um Salomão apóstata, que só foi capaz de ver o mal no mundo. Na opinião do “Pregador” (significado da palavra “eclasiastes”), este é o pior dos mundos, contradizendo o filósofo Leibinz, que dizia ser este o melhor dos mundos.

E Salomão tem toda razão. Tudo o que ele disse a respeito da vida e do mundo é verdade. Este mundo é realmente mal. Se não fosse, não precisaríamos nem de fé, nem de esperança, nem de otimismo. Mas porque ele o é, precisamos de tudo isso para sobreviver nele.

O filósofo existencialista Martin Heidegger (1789-1976) traduziu essa situação muito bem ao dizer que a vivência “se dá, sobretudo, pela angústia, mediante a qual o homem toma consciência de que é um ser frágil num mundo cruel e absurdo, onde seu destino é a morte.”

É preciso por em evidência o fato de que o mundo em que vivemos, não é o mundo de Gênesis 1.31, a respeito do qual Deus disse que era “muito bom”. Este é o planeta acerca do qual Deus disse: “homem, maldita é a terra por causa de ti” (Gn 3.17). É um mundo, vamos dizer assim, para usar uma linguagem o mais coloquial possível, “estragado”. O pecado estragou-o, apodreceu-o, condenou-o à morte. A criação ficou entregue à vaidade, à futilidade, à transitoriedade (Rm 8.24-25).

Não só a criação inanimada ou inconsciente, mas o próprio ser humano e todas as suas relações com os outros foram afetados. Por isso, esse mundo nunca vai nos satisfazer. Esta nossa existência atual nunca nos dará a felicidade completa, pois justamente conhecer Jesus é adquirir a esperança e possuir a certeza de que algo melhor nos espera: “Pois gememos neste tabernáculo (corpo), aguardando nos revestir de nossa habitação que é dos céus” (2Co 5.2). Com o conhecimento do Evangelho, nos projetamos para a frente, para o que Deus fará. Até a própria natureza geme, aguardando a manifestação dos filhos de Deus, para ser liberta desse cativeiro da corrupção (Rm 8.19). Nossa pátria é a esperança, pois moramos num futuro prometido por Deus, oposto ao presente século.

Ser cristão é antecipar o futuro. É experimentar hoje o amanhã de Deus e desejar sua plenitude. É se sentir num corpo estranho, em um mundo estranho, numa linda pintura cheia de pontos horríveis. É olhar para o além, para a eternidade futura, onde tudo será restaurado e Deus será tudo em todos (1Co 15.28).

A escatologia, mais precisamente a escatologia bíblica, não é primeiramente uma predição a respeito do anticristo, da vinda de Jesus ou do milênio. A escatologia bíblica é antes de qualquer coisa um desvendamento, “um apocalipse” no sentido amplo do termo, uma “revelação”, um abrir do véu deixando penetrar alguma luz sobre o que está para vir. Ela encerra em si toda uma visão de mundo, uma cosmovisão toda sua, em que passado, presente e futuro estão incluídos nos planos de um Deus pessoal, soberano, sábio e todo-poderoso.

Capítulo 5

▼ A escatologia no Novo Testamento

Nossa herança medieval tem nos levado a pensar a salvação de maneira bem reduzida. Aos poucos, um novo entendimento foi surgindo, atendendo-se de forma mais correta ao esquema do mundo presente – mundo vindouro. O contraste material e não material obedece, de certo modo, a um esquema ligado à filosofia grega, em que a matéria era inerentemente má e a parte espiritual inerentemente boa. Era a dicotomia platônica, entre o mundo das ideias e o mundo físico.

Para o judeu, entretanto, esse esquema de coisas não era válido. O Antigo Testamento sempre exaltou a criação de Deus, e se houvesse algo errado, junto havia a crença de que no futuro essa situação mudaria. O conceito de *Olam Haba* ("o mundo vindouro") usado pelos judeus é um ponto de destaque em sua teologia.

No Novo Testamento, essa dualidade é muito clara. Jesus e os apóstolos entendiam claramente que este não era o mundo definitivo. Tanto o judaísmo quanto o cristianismo se constituem de crenças que olham para a frente. Nada é definitivo, nada se conclui aqui. Há um tempo prometido que alimenta a esperança e faz suportar as agruras presentes, bem como motiva a fidelidade a Deus. Podemos encontrar diversas passagens com expressões sobre isso:

"nem neste mundo, nem no futuro"	Mateus 12.32
"neste mundo e no mundo vindouro"	Lucas 18.30
"dignos de alcançar o mundo vindouro"	Lucas 20.35
"não só neste século (era), mas também no futuro"	Efésios 1.21
"experimentaram os poderes do mundo vindouro"	Hebreus 6.2

As Escrituras não possuem qualquer tipo de preconceito para com o mundo criado: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24.1). O mundo atual só não é melhor porque a entrada do pecado produziu o caos que o colocou em choque com o mundo espiritual. Cristo veio para resolver tal dicotomia e no tempo certo levar todas as coisas de volta ao equilíbrio perdido: “descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.” (Ef 1.9,10).

Assim, segundo a Bíblia, o futuro não é a exclusão de um dos elementos ou estados. Não é a ausência de vida terrena e somente vida celestial. Não é o extermínio da natureza material e apenas a existência espiritual. Em Cristo foram criadas todas as coisas, visíveis e invisíveis (Cl 1.16) e tanto umas quanto outras estão incluídas no plano de redenção. O livro de Apocalipse não se encerra com a destruição de tudo, mas com a recriação em um novo nível existencial.

Para compreender o Novo Testamento, precisamos ter consciência da dualidade de agora/depois mais do que das dualidades em cima/embaixo ou físico/espiritual. Nos tempos bíblicos, o presente sempre foi contrastado com o futuro, usando-se adjetivos que transmitiam a ideia de decadência e corrupção para o agora e de glória e perfeição para o depois.

Quando na década de 70 surgiu a Teologia da Esperança, isso foi uma tentativa de dar ou restituir à teologia essa dimensão futurística, pois é inegável o fato de que a Bíblia é um livro que fala do futuro.

Capítulo 6

▼ Conceções acerca do futuro

Já vimos que o futuro é inevitável. Não existe fuga do amanhã. Já vimos também que pensar escatologicamente é inerente ao ser humano. De uma forma ou de outra, todos terminam por fazer alguma tentativa de “prever” o futuro. Todos têm em sua vida um espaço reservado para o “altar do amanhã”. Não apenas as religiões, mas as filosofias todas dedicam parte de suas reflexões a esse assunto.

Cada grupo, porém se apoia em diferentes bases para confirmar suas previsões. Podemos colocar em uma ponta uma religião como o islamismo, por exemplo, e do outro o marxismo ou comunismo. Ambos têm suas fontes que lhe permitem definir como será o futuro. Enquanto para o islamismo, o Alcorão, seu livro sagrado, prevê a vitória do Islã; Marx se baseou nas “inexoráveis (inflexíveis) leis da História” para afirmar a vitória final do comunismo.

Temos aqui duas formas de saber sobre o futuro: a revelação divina e a razão humana. Para o primeiro grupo, o islã, Alá teria revelado coisas a esse respeito. Para Marx, com seu ateísmo militante, conhecendo as leis que regem a história, era possível dizer com certeza o que iria acontecer.

Entre um extremo e outro temos uma infinidade de previsões, interpretações e pressupostos escatológicos. Por caminhos diferentes, pessoas diferentes, com visões de mundo completamente distintas têm procurado antever os dias vindouros.

Essas antecipações assumem também destinos diferentes. Para alguns, seria o fim da raça humana. Para outros, um futuro glorioso. Podemos ainda falar em uma divisão da humanidade na qual alguns terão um futuro de bem-aventuranças, enquanto a outros estaria destinado um futuro de sofrimento e punição. Essa é geralmente uma visão mais comum nas religiões monoteístas. Há tanto previsão de um universo glorioso, quanto de um universo destruído. A crença de cada um define em muito a condição final desse estado eterno.

Dentro desse aspecto, podemos falar ainda da abrangência dessas visões escatológicas. Em alguns casos, ela concentra-se mais no que acontecerá com o indivíduo. Outras vezes, no que ocorrerá com o planeta Terra e a humanidade.

Os caminhos para se chegar a esses futuros também não são os mesmos. Há ênfase na ação humana para criar esse futuro ou há ênfase no agir divino para que tal estado de coisas seja alcançado. Às vezes, uma mistura de ambos, esforço humano adicionado à ação divina. Esse caminho também pode ser gradativo ou pode chegar por meio de um evento cataclísmico.

Como percebemos por este esboço, o pensamento escatológico é muito mais presente e influente do que geralmente se imagina. Embora a palavra seja relativamente nova, as ideias que giram em torno do tema estão presentes desde os tempos imemoriáveis. O homem, desde o começo, já procurava imaginar como seria o fim.

Na verdade, como iremos ver mais a frente, inúmeros eventos históricos, não só de caráter religioso, mas também filosófico e político, tiveram lugar neste mundo. Quem, por exemplo, concordaria (num primeiro momento) que o nazismo teve motivações escatológicas? Ou que o comunismo tem algo a ver com escatologia? Nem mesmo correntes de pensamento como o positivismo e o cientificismo deixam de ter sua parcela de conteúdo escatológico. Às vezes, tais conteúdos ficam mascarados em ações e conceitos sobre a vida presente, mas uma vez perscrutados, sua natureza apoia-se completamente em supostos resultados futuros, algumas vezes bem futuros. O uso e abuso do termo “científico” serviu para mascarar muitas vezes o que não passava de “crenças”.

Talvez, ficar exposto a tantas linhas escatológicas diferentes, leve o homem a descreer no futuro ou mesmo a investir na possibilidade de antecipá-lo. Neste caso, nem mesmo a escatologia bíblica seria digna de confiança. O historiador Will Durant disse que “onde existem mil crenças, tendemos a nos tornar céticos (incrédulos) em relação a todas elas.” De fato, nosso mundo moderno tem confundido multiculturalidade com multiveracidade, como se tudo o que se pensa a respeito de como será o futuro pudesse ser verdade, mesmo que essas ideias se contradigam mutuamente. Diante disso, qualquer tentativa de falar sobre o que a Bíblia diz sobre o futuro teria tanto valor quanto qualquer outra afirmação.

Existe uma visão bíblica sobre o futuro e embora as diversas escolas possam ter suas diferenças, elas também possuem suas semelhanças. E no momento em que aceitamos a existência de um Deus soberano, criador e sustentador de todas as coisas, também aceitamos que ele e somente ele é capaz de nos dizer o que o futuro nos trará.

Conhecer as diversas visões de futuro e o modo como teólogos, filósofos, pensadores e mesmo estadistas trabalharam com tais conceitos é a melhor forma de compreendermos e comprovarmos os efeitos da escatologia na história da humanidade.

Capítulo 7

▼ Fuga do tempo

A expressão “fuga do tempo” é a descrição de um tipo de escatologia em que a realização do futuro não se dá dentro do processo histórico, quer terreno quer universal. Para esse tipo de escatologia, o que temos na verdade é um escape do mundo tangível para o mundo intangível ou espiritual, onde se efetivam todas as esperanças escatológicas.

Essa escatologia se encaixaria mais adequadamente naquilo que geralmente é descrito como “escatologia individual”, em que as questões que envolvem o futuro se relacionam mais com o futuro do indivíduo que com o coletivo ou universal.

O destino da alma é desencarnar-se, livrar-se de qualquer ligação com a matéria, evoluir fora do mundo físico. Essa visão de fuga do tempo geralmente se harmoniza com doutrinas reencarnacionistas, em que cabe ao indivíduo escapar, de alguma forma, do ciclo nocivo de renascimento e morte para atingir “esferas superiores de existência”. A natureza dessas esferas varia de religião para religião, mas o aspecto comum é que em todas elas o lugar final do indivíduo se encontra fora da existência tangível.

Há muito de gnóstico nessa visão escatológica. O gnosticismo, uma corrente de pensamento nascida do neoplatonismo e que mais tarde reuniu elementos judaicos e depois cristãos, rejeitou a matéria rotulando-a como inerentemente má. Nesse contexto, seria impossível falar de uma escatologia que pregasse algo como um corpo glorificado na ressurreição, ou mesmo com uma transformação deste mundo. Só seria possível uma redenção que significasse um escape da matéria. Esse era o conceito do gnosticismo.

Não podemos negar que o céu cristão algumas vezes ganhou tons semelhantes a esse. A ideia de salvação como “ir para o céu” tem mais semelhança com o mundo não físico dos gnósticos e o nirvana dos budistas que com o conceito cristão-judaico de ressurreição. A ideia de deixar este mundo para trás e penetrar no céu de Deus para nunca mais voltar foi muito influenciada por tais conceitos. O novo céu e a nova terra, os corpos incorruptíveis, a ressurreição, são temas que às vezes até parecem alheios ao cristianismo e à teologia cristã.

Geralmente, nessa noção de fuga do tempo, o que ocorre com o mundo físico e a história é uma colocação dos mesmos em segundo plano. No kardecismo, por exemplo, nosso planeta terra é um mundo de purgação, ou seja, um lugar no qual as almas de outros planetas vêm para diminuir seu carma por meio do sofrimento. Sendo assim, não há uma grande importância para quais rumos a história vai tomar. Não há um sentido para o qual a humanidade e a história, coletivamente falando, se destinam. O peso recai sobre as almas de modo particular.

Essa “filosofia escatológica” muitas vezes se liga a um outro conceito que estaremos analisando, que é o “eterno retorno”, muito ligado aos gregos e mesmo a certas crenças órficas e esotéricas.

Dentro do cristianismo também existe a escatologia individual, ou seja, aquela com o foco no destino e fim último dos indivíduos. Entretanto, a teologia cristã não estabelece um divórcio entre o futuro do indivíduo e o futuro do cosmo. Ambos são abrangidos e a conclusão de um está ligada à conclusão do outro.

Ao tomarmos os últimos capítulos do livro do Apocalipse, tanto a situação final do ser humano como a situação do cosmo são ali considerados. Não existe exclusão de um em favor do outro. Eles estão presentes nos planos futuros de Deus e ambos são abrangidos na redenção provida na morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Indivíduo, coletividade, cosmo, matéria, espírito e tudo o mais fazem parte do todo definido como “criação divina”.

Capítulo 8

▼ O eterno retorno

A noção de eterno retorno está ligada à filosofia grega. Talvez nem todos a tenham relacionado a conceitos escatológicos, mas não é possível fugir de tal posicionamento. A ideia nasceu dos estudos astronômicos.

Foram os babilônios os primeiros astrônomos da história. Foram os gregos, porém, que observando os ciclos terrestres, lunares e solares deu a eles uma aplicação mais ampla do que a mera rotação das esferas em movimentos circulares.

Havia a inferência de que o nascimento e a morte da vegetação terrestre, manifestamente governada pelo ciclo do ano solar, tinha sua contrapartida num ciclo periódico de vida e morte de todas as coisas, dentro da escala do ano solar cósmico. A literatura helênica está repleta dessa filosofia cíclica. Platão ficou evidentemente fascinado por ela, pois o tema está presente em todos os seus escritos.

Diversos outros escritores antigos assumiram essa postura, inclusive o grande poeta Virgílio. As citações sobre o assunto na cultura helênica são sem-fim, mas é interessante conhecermos um texto de Marco Aurélio, o imperador filósofo, autor de "Meditações": "Mesmo aceitando a hipótese de ser o mundo regido por revoluções periódicas, nada me impede de pensar dessa forma (Livro 5.XIII). Há uma movimentação mortal na monotonia cíclica do cosmo – acima e abaixo do mundo infinito (...) Em breve estaremos sepultados sob a terra, e depois a própria terra será transformada, e então, seja o que for que tenha surgido de sua transmutação, sofrerá de novo o mesmo processo, sempre e sempre até o infinito." (Livro 9, XXVIII).

Podemos facilmente identificar a crença na reencarnação com a teoria cíclica. Ambas geralmente caminharam juntas, como se a reencarnação da alma e a reencarnação do universo fossem um único fato. Podemos dizer que a reencarnação é representada por um círculo, enquanto a ressurreição é representada por uma linha reta.

Por tradição e por analogia os reencarnacionistas colocam o processo de vida e de morte como um ciclo interminável de renascimentos e mortes. A própria existência obedeceria tal percurso. O tempo é visto como circular. Tanto gregos quanto hindus enxergavam as coisas deste modo, como escreveu Erich Kahler: “A mudança e a transformação eram vistas (pelos gregos) como um ciclo periódico que refletia ritmicamente a ordem circular do cosmos.” O próprio Platão comenta: “Os objetos móveis da percepção sensível não são mais do que formas do tempo que imitam a eternidade em um movimento circular”.

Na Índia, o conceito não era diferente. O eterno retorno, o movimento cíclico do universo, o samsara, tudo isto demonstra uma visão do tempo, da vida e da história. Os “Puranas”, uma série de escritos hindus muito antigos, eram verdadeiros expoentes da teoria cíclica: “Não há criação no sentido do Gênesis; o mundo está continuamente evoluindo e se dissolvendo, crescendo e decrescendo em ciclos, da mesma forma que cada planta e cada organismo animal (...) Não há um propósito último rumo ao qual a totalidade da criação se mova. Não há progresso, mas eterna repetição.”

A visão cíclica da história também esteve presente nos tempos modernos, no pensamento de Friedrich Nietzsche, o filósofo da “morte de Deus”. Com o nome de “eterno retorno”, ele colocou a expressão nos lábios de seu profeta, Zaratustra (do livro, “Assim falou Zaratustra”). Seria simplismo classificar Nietzsche como mero filósofo, pois ele não adotava atitude de pensador, mas de profeta. Por intermédio da boca de seu Zaratustra, ele proclama em estilo bíblico suas principais doutrinas.

Sobre essa característica de Nietzsche, escreveu o historiador Will Durant: “Nietzsche não prova, ele anuncia e revela; ele nos conquista com a sua imaginação e não com sua lógica; ele não nos oferece uma filosofia simplesmente, tampouco apenas um poema, mas uma nova fé, uma nova esperança, uma nova religião.”

Sua doutrina não nasceu da meditação, mas de uma experiência que podemos descrever como mística. Na boca dos discípulos de Zaratustra ele coloca essa conversação: “Olha, nós sabemos o que ensinas, que todas as coisas retornam eternamente e nós com elas; que nós temos existido já uma infinidade de vezes, e todas as coisas conosco...”.

Essa declaração torna-se mais importante devido a novos estudos que envolvem o pensamento desse polêmico autor. Conexões entre a filosofia de Nietzsche, o nazismo e doutrinas esotéricas germânicas têm sido estabelecidas recentemente. Na verdade, as teorias cíclicas têm sido apontadas por estudiosos franceses como o suporte “filosófico” por trás do nazismo. Embora a ideia parecesse um tanto exótica na época, estudos mais recentes fazem transparecer tais fatos. A própria classe acadêmica tem aos poucos se curvado diante dos fatos.

O excerto a seguir foi retirado do livro “O despertar dos mágicos” e descreve partes de uma conversa entre Hitler e seu amigo Herman Haushinning. Seria necessário um conhecimento maior das correntes ocultistas por trás do nazismo para se entender exatamente o que Hitler desejava dizer. Nosso interesse aqui é demonstrar que por trás da doutrina nacional-socialista também havia a teoria cíclica da história.

“A espécie humana, dizia ele, fazia desde *a origem uma prodigiosa experiência cíclica*. Era submetida a provas de aperfeiçoamento de um milênio a outro. O período solar do homem atingia o seu termo: já se podiam vislumbrar as primeiras amostras do super-homem. Uma espécie nova se anunciava, que iria expulsar a antiga humanidade. Assim como, de acordo com a imortal sabedoria dos velhos povos nórdicos, a quarta lua reaproximar-se-á da Terra e a gravitação estará alterada. As águas subirão, os seres conhecerão um período de gigantismo. Sob a ação dos raios cósmicos mais fortes produzir-se-ão mutações. O mundo entrará numa nova fase atlantidiana. O período sob a influência do Sol. Os períodos áureos ficam sob a influência da Lua, quando se aproxima da Terra. Nas velhas mitologias, o símbolo do ritmo vital, *não em linha direita e contínua, mas em espiral*, assim também a humanidade progredia por *uma série de saltos e de retornos*.”

Essa demonstração do pensamento nazista atesta a influência política de um pensamento escatológico, nesse caso, a ideia de que a história é feita de ciclos. Longe de uma ideia moribunda e caduca, digna somente de doutrinas absurdas como o nazismo, ela permanece ativa. Basta citar o movimento Nova Era, cuja noção sobre a “Era de Aquarius” também está ligada a ciclos astronômicos.

Há quem influenciado por tal visão tenha tentado encontrar tal conceito nas Escrituras. Todavia, a visão bíblica está muito longe de ser cíclica. Ela poderia ser comparada a uma linha reta. No livro de Eclesiastes temos uma citação geralmente utilizada no propósito de defender o ciclicismo pela Bíblia: “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós. Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas que não de ser também delas não haverá lembrança, nos que não de vir depois.” (Ec 1.9-12).

Alguns já tentaram identificar no livro de Eclesiastes tais conceitos, mas a cosmovisão bíblica está em oposição ao ciclicismo. A semelhança é apenas aparente. Que os fatos se repetem na história, isso é conhecido por todos, mas eles são repetidos não como resultado de alguma teoria cíclica da história, mas pelo simples fato de que a natureza humana é sempre a mesma e tende a repetir os mesmos erros.

Podemos citar um exemplo histórico e um literário. Napoleão e Hitler foram vencidos pelos russos pelos mesmos motivos: o frio. Ambos cometeram o mesmo erro de tentar entrar na Rússia durante o inverno. Fatos como este levaram Hegel a afirmar que a história ensina que não se aprende nada com ela, embora não seja exatamente verdade.

Como exemplo literário, podemos citar a obra “Revolução dos bichos” (*Animal farm*), de George Orwell. Nesse livro a história da revolução russa é contada por meio de uma fábula. Os bichos tomam uma fazenda e expulsam os seres humanos que os oprimiam. A ideia era formar um governo dos animais que fosse justo para todos. O grupo em destaque, os porcos, tomam o poder e terminam por agir igual ou pior que seus antecessores humanos. A frase “todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros” tornou-se uma descrição da falsidade ao se buscar a igualdade. O livro mostra a repetição da atitude humana diante do poder, que se verificou por diversas vezes na história.

Capítulo 9

▼ O futuro igual ao presente

Podemos resumir esta visão escatológica por meio da frase do cineasta Wood Allen. Em certa ocasião ele disse: “Eu vi o futuro. Ele é bem semelhante ao presente, só que mais distante”. Essa declaração expressa a opinião de alguns de que nada de diferente acontecerá, quer em um futuro próximo, quer em um mais distante.

Essa atitude está muito ligada ao ceticismo. Inúmeras previsões do passado parecem hoje mera fantasia. Utopias morreram, outras nasceram e tudo parece estar como antes. Mudaram-se os atores e até mesmo os cenários, mas o enredo não mudou em nada. Muitos “fins do mundo” foram preditos e ainda assim permanecemos nele. Basta lembrar as teorias malthusianas do final do século 19 que falavam de uma humanidade assolada pela fome. A população de um bilhão não teria alimento suficiente. Hoje temos seis bilhões e, embora exista fome em muitos lugares, esse não é o principal problema da humanidade. Para não falar na histeria no final do primeiro milênio, que para muita gente foi um indício claro do final do mundo.

Esses acontecimentos levaram muitos a uma incredulidade não apenas quanto à possibilidade de prever o futuro, mas também quanto à futilidade de tal pretensão. Não há nada de novo para se esperar. Em algumas correntes de pensamento, até mesmo a esperança é considerada nociva. Esperar é frustrar-se. Só o hoje é real. O restante não passa de imaginação.

Em seu mais famoso trabalho, "Teologia da esperança", Jurngen Moltmann dedicou um trecho a esse fenômeno de desesperança que de certa forma tornou-se popular em alguns momentos, geralmente fruto de decepções diversas: "Viver significa enterrar esperanças, diz-se em um romance de Fontane, e o que aí se descreve são as 'esperanças mortas'. Perde-se a fé e a certeza da esperança; por isso o desesperado quer preservar a alma das decepções: *hoffen und harren macht machen zum narrem*" ("continuar a esperar endoidece a muitos"). Por isso, prefere-se pisar o chão firme da realidade, 'pensar claro e não esperar mais nada' (A. Camus). E, no entanto, o chamado 'realismo dos fatos' cai vítima da pior de todas as utopias: a utopia do *status quo*, como Musil chama esse realismo (...) O desespero de toda esperança não precisa necessariamente oferecer uma aparência desesperada. Pode ser a simples e silenciosa ausência de sentido, de perspectiva, de futuro, de ideal. Pode mostrar o rosto da sorridente renúncia: *bonjour tristesse!* O que resta é um certo sorriso depois de se ter percorrido a gama das possibilidades e nada ter encontrado que possa dar ocasião à esperança. O que sobra é o *taedium vitae* ("tédio da vida"), uma vida que se toma pouco a sério.

Muitos podem até desconsiderar tal ponto de vista como não tendo qualquer relação com a escatologia de fato. A verdade é que essa também é uma forma de encarar o futuro, como algo sem surpresa e como indigno de qualquer esforço no sentido de compreendê-lo ou antecipá-lo. As frustrações roubaram a esperança e levaram a pessoa a declarar que não se deve esperar mais nada. O agora somente importa e nada mais é real.

Encontramos algo muito semelhante naquilo que foi descrito pelo apóstolo Pedro. Ele descreve essa situação de ceticismo quanto ao futuro, ocorrendo justamente nos últimos dias. As pessoas zombariam das predições e procurariam mostrar que tudo estava como antes e logo nada mudaria: "Antes de tudo saibam que, nos últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões. Eles dirão: 'O que houve com a promessa da sua vinda? Desde que os antepassados morreram tudo continua como desde o princípio da criação'" (2Pe 3.3,4).

Essa é a "ditadura do *status quo*". Nada mudou, nada mudará, tudo permanece e permanecerá como sempre. A realidade é o agora e não há qualquer razão para se ocupar com o que o futuro trará.

Capítulo 10

▼ A construção do futuro

Esta questão escatológica se relaciona mais com a maneira como o futuro chega até nós do que com a natureza desse futuro. A questão não é saber como ele será, mas como podemos chegar até ele.

Temos duas linhas básicas: ou Deus trará o futuro, ou teremos de construí-lo. O primeiro caso, segundo alguns, gera a passividade. No segundo caso, ele movimenta o homem e o conduz a certas ações que no seu entendimento permitirão que esse futuro aconteça. É o pensamento que está por trás daquilo que é normalmente chamado de utopia.

Conhecer um pouco da história das utopias nos ajuda a entender os efeitos que ela teve no decorrer da história. Talvez as utopias sejam a maior evidência de quanto essa questão da influência do pensamento escatológico é real. A crença em um determinado tipo de futuro tem levado as pessoas a determinados tipos de atitudes. E quando essas atitudes trilham os caminhos da política, então podemos esperar coisas como guerras e revoluções, porque então o futuro precisa ser construído a qualquer preço.

▣ Uma breve história da utopia

“A ilha de Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, sitiada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente.”

Assim Rafael Hitlodeu, personagem de Thomas Morus, começou a descrição da “Ilha de Utopia”, lugar fictício onde governantes e governados viviam em perfeita harmonia. Morus legou-nos este belo clássico, “A Utopia”, como monumento literário para a humanidade.

Mas além de um clássico, Morus manifestou uma clara aspiração da humanidade: uma sociedade perfeita, capaz de aliar prosperidade, liberdade, ordem, felicidade e justiça. Fez deste estado de coisas um dos objetivos da filosofia, sendo posteriormente sucedido por uma gama de pensadores, ávidos por descobrir um meio de tornar este mundo feliz, ou, pelo menos, o mais feliz possível.

Apesar de ele não ser o primeiro nem o último a criar uma tal idealização, o título de seu livro passou a designar algo impossível, inatingível para a capacidade humana. Utópico passou a ser a designação de todo objetivo que busca um estado perfeito. Nele se inspirariam inúmeros idealistas. Sobre ele cairiam as críticas de igualmente inúmeros realistas.

■ O sonho de Platão

Platão nasceu em Atenas, no século IV a.C., dentro do período áureo da cultura grega. Discorreu sobre lógica, metafísica, epistemologia, ética, estética e, como não poderia deixar de ser, falou também de política. Também ele teve sua “utopia”. Ele a apresentou em seu diálogo “A República”. Nesta obra, Platão descreveu o que seria necessário para criar uma sociedade perfeita. Dividiu a sociedade em classes diferentes, educando cada grupo para finalidades diferentes – uns seriam educados para governar; outros para a defesa; e outros para a agricultura. Dizia que os reis deveriam ser filósofos ou os filósofos deveriam ser reis. A educação ficaria toda por conta do Estado, sem interferência alguma da família. Era adepto da aristocracia, ou seja, o governo deveria ser exercido por um pequeno número de homens mais capacitados que os demais.

Platão teve oportunidade de colocar sua utopia em prática. No ano de 387 a.C., recebeu um convite de Dionísio, rei da então florescente e poderosa Siracusa, capital da Sicília, para transformar o seu reino em uma “Utopia”. O plano fracassou integralmente, pois Dionísio não queria ser um filósofo nem deixar de ser rei. Platão terminou sendo vendido como escravo. Morria assim, nos pântanos da realidade, a primeira utopia do ocidente.

■ O Renascimento e outras utopias

Durante o Renascimento, nos séculos 16 e 17, além da própria utopia de Morus, pode-se citar também a “Cidade do Sol”, de Thomaz de Campanella, no começo do século 17 e, em 1624, surge a obra do grande pensador inglês Francis Bacon, intitulada “A Nova Atlântida”.

Todas essas obras são o início de uma longa série de escritos, os quais podemos definir como literatura utópica. Em princípio estas obras atuaram como uma crítica à sociedade de sua época, ressaltando-lhe as deficiências e as desigualdades. Na continuação, ofereciam a opção do que seria uma sociedade perfeita e justa.

O pensamento utópico clássico teve duas características dominantes:

- 1) A definição de utopia como algo desejável, como objetivo digno de se alcançar – ou de aproximar-se dele tanto quanto possível.
- 2) O mundo descrito nas utopias é um mundo perfeito, sem mancha, regido por uma extraordinária coleção de leis justíssimas, o que o converte em um mundo de altíssima regulamentação e restrita liberdade. (Ex.: os habitantes das cidades da “Ilha de Utopia” precisavam de uma autorização especial para ir de uma cidade para outra).

Podemos citar no século 16 a utopia escrita pelo grande pensador Francis Bacon. Como cientista, sua utopia intitulada “A Nova Atlântida” era uma ilha regida por homens da ciência. Na verdade, tal atitude de exaltar a ciência como a solução dos problemas humanos se tornará permanente nos anos posteriores. Diversos homens, principalmente no século 19 e início do 20, quando o desenvolvimento científico parecia estar no seu auge, acreditavam nela para mudar o mundo.

Nesta mesma linha de utopias vai surgir, em 1891, “Notícias de lugar nenhum”, do inglês William Morris. Em 1905 surge “Uma utopia moderna”, do famoso novelista H.G. Wells. Um pouco mais para frente, aparece também uma utopia socialista, de Eugeny Zamyatin, com o nome de “Nós, os outros”, que retratava um mundo dominado pelo socialismo. Poderíamos incluir na lista também o “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley.

■ Os socialistas utópicos

Surgiram principalmente da Inglaterra, durante a Revolução Industrial, em meio ao clima de injustiças sociais reinantes. Os primeiros destes foi Robert Owen, que de início fora um grande capitalista e depois se levantou contra a propriedade privada. Ele fundara Nova Lanark, uma vila industrial que contrastava com os miseráveis centros industriais da época. Todos os trabalhadores, tanto mulheres como crianças, tinham excelentes condições de vida neste lugar. Ele acreditava poder transformar todo o sistema capitalista reinante em uma Nova Lanark. Embora tenha tentado conseguir o apoio do Parlamento inglês para suas ideias, foi cuidadosamente recusado. Fez tentativas por conta própria que também fracassaram.

Depois dele surgiram inúmeros com ideias e tentativas semelhantes, como Saint-Simon e John Stuart Mill, além de outros menos notórios. Sonharam com uma sociedade funcionando sem ganância e com mais igualdade. Foram grandes sonhadores. Sobre isso, o historiador Robert Heilbroner disse: “De fato, eles eram todos uns sonhadores, mas, como disse Anatole France, se não fossem os sonhadores, os homens ainda estariam morando em cavernas.”

A escatologia marxista

Poderíamos chamar o marxismo de a última utopia do Ocidente, uma utopia que caiu com o muro de Berlim, em 1989. A visão de Karl Marx era a de que por meio da ditadura do proletariado, o mundo se transformaria. Seu ponto de vista filosófico era: “modificando-se os meios de produção, a natureza humana também seria modificada”. Assim escreveu ele: “O comunismo é a abolição positiva da propriedade privada e, por conseguinte, da autoalienação humana e, portanto, a reapropriação real da essência humana pelo e para o homem (...) É a solução genuína do antagonismo entre homem e natureza e entre homem e homem. Ele é a solução verdadeira da luta entre existência e essência, entre objetivação e autoafirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie. É a solução do enigma da história e sabe que há de ser esta solução.”

Algumas utopias não passaram de romances, jamais saíram do papel. Outras se tornaram ao menos tentativas e se quisermos ser sinceros, é melhor dizer tentativas frustradas. Existiram muitas outras, literárias ou não, que por sua pequena divulgação ou influência não figuram aqui. Existem ainda utopias que se apoiam na esperança cristã ou nas esperanças judaicas.

Alguém pode achar que é perda de tempo ser utópico. Mas isto não é verdade. É a esperança de algo melhor que move o homem a lutar contra a injustiça e a desigualdade e, mesmo quando ele definitivamente fracassa, ele só aparentemente fracassa. Sua tentativa, seja ela teórica ou prática, fornece uma outra visão de ver e fazer o mundo. Introduce no caminhar da história outras opções que de outro modo não existiriam. Deixamos o pensamento anônimo a seguir, como algo que não deve ser ignorado: “O pensamento não utópico encerra também suas armadilhas. A utopia constitui-se no elemento alternativo à realidade, e como tal é um elemento dinamizador, atribui margens à criatividade. Quando o pensamento e a ação política não dão lugar ao utópico, o que resta é a pura positividade factual, o dado.”

De certo modo, este é apenas um esboço de como a humanidade aspirou diversas vezes construir um futuro de paz e prosperidade, utilizando-se para isso seus próprios esforços. O francês Armand Mattelart escreveu uma extensa obra, intitulada “História da utopia planetária”, em que narra em minúcias as diversas tentativas e esperanças de se criar um mundo novo, baseado sempre nas capacidades humanas. A ideia de um mundo unificado, com um governo mundial, esteve na pauta de diversos pensadores e movimentos. Todos eles estão relacionados com a ideia de construção do futuro.

Vamos desenvolver um pouco mais a escatologia marxista como um exemplo dessa construção do futuro. Vamos analisar a questão do marxismo e a redenção do universo. Embora Friedrich Engels, amigo de Marx, tenha escrito o livro “Socialismo utópico e socialismo científico” tentando demonstrar a superioridade de seu socialismo sobre seus antecessores, veremos que seu programa e de Marx tinha muito de utópico. Para nosso conhecimento, vamos também comparar algumas proposições do marxismo com as promessas da Bíblia e ver que, de certo modo, parecem estar ligadas. Isso está de acordo com o que escreveu Arnold Toynbee em sua monumental obra “Um estudo da história”: “E embora as sociedades bizantina e ocidental estejam deixando de ser cristãs, continuam sendo ainda, inevitavelmente, ex-cristãs. Sua herança cultural está tão completamente saturada de cristianismo, que é impossível se libertarem de seu passado cristão (como é demonstrado, por exemplo, pela transparência, na doutrina comunista, de origem judaico-cristã).”

“Os filósofos têm interpretado o mundo de várias maneiras. O que importa é mudá-lo”, escreveu Karl Marx. Mudar o mundo soa um tanto utópico, principalmente depois de tantas tentativas já vistas. Suas palavras se assemelham muito às palavras do profeta Isaías: “Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão” (Is 65.17).

A frase de Karl Marx em epígrafe é sem dúvida muito bonita. Na verdade, possui um conteúdo ideológico tão grandioso que incendiou o mundo. Toda uma geração sacrificou seus melhores anos por este “evangelho”. Os jovens queriam ser os transformadores do seu tempo, pois agora conheciam a receita. Basta lembrar o “Exército Vermelho”, de Mao Tse Tung, na revolução cultural de 1959. Jovens seguiam matando intelectuais e burgueses crendo que por meio disto estariam destruindo a velha ordem e implantando a nova. No Camboja, onde não havia armas de fogo suficiente, a carnificina era feita com facas, machados e porretes.

Não entendiam isto como um crime, mas como o caminho mais curto e necessário para “mudar o mundo”, que não aceitava as proposições de sua doutrina. Não estamos falando de especulações e sim de história real e bem documentada.

A beleza de uma frase nem sempre é proporcional à sua verdade. A retórica pode empolgar, mas isso não significa que sempre conduzirá pelo caminho mais correto. Não há nada errado em querer melhorar as condições de vidas das pessoas e lutar por uma situação mais digna. O comunismo, porém, falava em redenção em sentido mais amplo, cosmológico em seu alcance.

A pergunta é: Pode o comunismo/marxismo ou qualquer outra doutrina transformar o mundo? Em que sentido? Até que ponto? As pretensões de Marx iam muito além de meras pretensões políticas, econômicas ou sociais, mas avançavam a um grau que poderíamos descrever como religioso, redentor, salvador.

“O comunismo é a abolição positiva da propriedade privada e, por conseguinte, da autoalienação humana e, portanto, a reapropriação real da essência humana pelo e para o homem (...) É a solução genuína do antagonismo entre homem e natureza e entre homem e homem. Ele é a solução verdadeira da luta entre existência e essência, entre objetivação e autoafirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie. É a solução do enigma da história e sabe que há de ser esta solução.”

Em seu famoso “Manifesto Comunista”, editado juntamente com Friedrich Engels, Marx afirmou utopicamente sobre a implantação do comunismo no mundo: “Na proporção em que a exploração de um indivíduo por outro termina, a exploração de uma nação por outra também terminará. Na proporção em que o antagonismo entre classes dentro da nação desaparece, a hostilidade de uma nação por outra terminará.”

Quem não percebe nessa afirmação uma tentativa de concretizar a promessa bíblica de paz universal profetizada em Isaías 2.4? “E ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em relhas de arado, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

O marxismo é a religião do homem, não apenas se autorredimindo como nos sistemas religiosos em geral, mas redimindo tudo: o homem; as relações entre os homens; a relação entre o homem e a natureza.

Sim, o universo precisa de uma transformação, de uma redenção. Sabemos que o pecado a tudo contaminou, a tudo corrompeu e degenerou. Mas o caminho verdadeiro da redenção não vem por meio de alguma filosofia, ideologia ou ação humana, mas por meio da ação divina, que passa pela cruz e irrompe na ressurreição: “Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus. Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora; e não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo.” (Rm 8.19-23).

O Novo Testamento prega uma redenção aguardada, iniciada na cruz e concretizada no Cristo ressuscitado e que se efetivará universalmente no futuro. Tudo isso por meio do poder de Deus e não como fruto de qualquer ação humana. Karl Marx queria rivalizar com a revelação bíblica por meio de sua cosmologia. Como um deus, Marx desejava transformar o mundo à imagem e semelhança daquilo que foi idealizado por ele, à parte do Deus redentor.

Quem acredita que os acontecimentos do final da década de 80 puseram um fim em todas as pretensões comunistas se engana, pois sua força vai muito além do que propostas políticas. O “Curso inicial de comunismo científico” foi editado em 1985, em Cuba, pelo Partido Comunista Cubano, através da *Editorial de Ciencias Sociales La Habana*. Um calhamaço de 369 páginas, cópia de um velho manual do Partido Comunista da União Soviética.

Como vemos, foi publicado não quando o comunismo/marxismo se encontrava no auge, mas quando em todo o mundo a estrutura criada ao seu redor já apresentava graves sinais de deterioração. Percebemos pelo texto a seguir não a força de uma filosofia, mas algo tão intenso quanto uma religião, inspirando em seus seguidores uma fé de fazer inveja às grandes religiões mundiais e mesmo às muitas religiões de cunho missionário.

Leiamos: “A classe operária soviética em aliança com o campesinato e sob a direção do Partido Comunista, construiu o socialismo desenvolvido e realiza atualmente a construção do comunismo (...) Os ganhos do socialismo são grandes e reconhecidos em todo o mundo. O comunismo abre perspectivas ainda maiores, pois é a fase superior da nova sociedade. O comunismo garantirá aos povos da Terra a paz eterna, e os homens serão libertados para sempre da intranquilidade por seu futuro e o de seus filhos. O comunismo confirmará o Reino do Trabalho na Terra, fará o trabalho livre e criador para todos e o converterá na primeira necessidade vital do homem e em fonte de sua alegria e inspiração. O comunismo criará o verdadeiro Reino da Liberdade do homem como trabalhador, como ser social, como criador e pensador, possuidor das poderosas forças sociais e da natureza. O comunismo garantirá a Igualdade e a Fraternidade entre todos os homens, já que todos serão trabalhadores que se desempenharão plenamente de acordo com suas capacidades, e na mesma medida serão satisfeitas suas necessidades. O homem será outro, companheiro e irmão no mais elevado sentido da palavra. O comunismo levará a todos os homens à verdadeira Felicidade, à confiança no belo futuro e a trabalhar criativamente para que seja de grande utilidade à humanidade e a si mesmo, e dará a possibilidade de aperfeiçoar infinitamente suas qualidades físicas e intelectuais. O comunismo é o futuro luminoso de toda a humanidade.”

É difícil ler estas palavras sem reconhecer nelas um sentido religioso, redentor e mesmo profético. Marx não as escreveu, é verdade. Nem mesmo matou uma única pessoa por causa daquilo que acreditava ser verdade. Este texto, todavia, não está muito longe de outros textos de sua autoria já demonstrados. É fácil traçar paralelos entre as proposições de Marx e aquelas originadas a partir de seus escritos. Se “pelos seus frutos os conhecereis”, como disse Jesus, então conhecemos muito bem o autor de “O Capital”.

“A salvação marxista-leninista é otimista. É comparável à salvação anunciada pela profecia bíblica. Seu objetivo é superar a natureza como ela é, o homem como ele é;

chegar a um tempo messiânico de paz e justiça, em que o lobo conviva com o cordeiro, em que as disciplinas e frustrações do casamento, da família, da propriedade, do direito, da penúria sejam abolidas. Finalmente, é a própria morte que é vencida, pois houve devaneios sobre esse tema no começo da revolução bolchevique, alimentados por certo Fedorov, um quimérico da ressurreição científica dos corpos e da imortalidade: “O ‘homem novo’, produto do socialismo, é um tipo de corpo glorioso tal como a profecia bíblica entrevê. E a sua salvação está nas mãos do homem. Ela é obtida por meios políticos.”

Produzir o homem novo tem sido uma das propostas do socialismo. Che Guevara, um dos ícones do comunismo mundial, muitas vezes utilizou-se desta expressão como o ideal a ser alcançado. Fazer o resgate do homem que se encontra “perdido” em sua condição social e torná-lo outro. Autorredenção, mas não só em termos pessoais e sim globais, por meio da mudança da estrutura que rodeia o homem. Trata-se, na verdade, de uma forma de autossalvação, censurada pela Bíblia: “Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele. (Pois a redenção da sua alma é caríssima, e cessará para sempre)” (Sl 49.7,8).

A doutora Yolanda Corujo Vallejo, professora titular da Universidade do Oriente, em Santiago de Cuba, assim explica: “O pensamento marxista propõe o caminho para atingir uma verdadeira existência humana e, nesse sentido, projeta a formação de um homem novo, um indivíduo superior, plenamente antecipado e desenvolvido multifacetadamente em todos os seus aspectos, isto é, aperfeiçoado espiritual, moral, físico e esteticamente.”

Onde quer que o marxismo se manifeste, a intenção de criar o “novo homem” está presente. O que seria este “novo homem” é difícil de dizer, pois é uma noção muito imprecisa dentro do conceito comunista.

O “Programa de um partido comunista” assim se expressa: “Far-se-á intensa difusão da teoria socialista firmada no materialismo dialético, a fim de enraizar a cultura avançada entre as massas e consolidar o sistema do socialismo científico. A luta constante contra a ideologia burguesa, individualista e mesquinha, é fundamental para forjar culturalmente o novo homem e tornar definitivamente vitoriosos os ideais do proletariado revolucionário.”

Contudo, sabemos muito bem que essa expressão (“novo homem”) foi tomada do próprio Novo Testamento, uma expressão cristã que o comunismo sempre procurou roubar. Isto porque o “novo homem”, seja no sentido individual, seja no sentido coletivo, já foi criado quando Cristo morreu na cruz e formou uma nova humanidade a partir da união de judeus e gentios que creem nele: “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades.” (Ef 2.14-16).

Ou ainda podemos citar 2Coríntios 5.17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”

O milenarismo marxista

O que é milenarismo? Não falamos aqui simplesmente da crença em um reinado literal de Cristo sobre a terra por mil anos, conforme descrito em Apocalipse 20.1-6. Esta crença fundamenta-se em uma ação divina trazendo o Reino de Deus para os homens. Ao tratarmos do milenarismo marxista, falamos do milenarismo como um sistema humano perfeito, implantado na terra pelo desejo e ação dos homens. Hitler dizia que o Terceiro Reich duraria mil anos. O comunismo, como vimos, mantinha esta mesma esperança. O problema é quando o homem se acha capaz de fazer o que só Deus pode fazer.

O milenarismo está para a vinda do Reino de Deus assim como a autossalvação está para a graça. No primeiro caso, o homem é seu próprio salvador; no segundo caso, é Deus o agente. No caso do marxismo, Deus foi completamente expulso de qualquer participação do mundo vindouro. No seu lugar, o agente de transformação é o proletariado, é a história, é o próprio homem. Em vez da salvação de Deus, uma salvação humana é pregada e ações são tomadas contra aqueles que se opõem a essa ideologia.

Marx toma do passado a ideia do futuro. Ele ensinava que o relacionamento dos homens entre si e dos homens com a natureza fora perfeito algum dia. Era o que ele chamava de “comuna primitiva”. Este era o seu Éden, seu paraíso perfeito, que fora perdido pelo maior pecado que existe, segundo o marxismo: a propriedade privada. Era este estágio inicial a base para o glorioso futuro do mundo sob o comunismo. Como disse Besançon: “No momento inicial era a comuna primitiva; no momento final será o comunismo, e hoje é o momento de luta entre os dois princípios.” Uma imitação humana das bases da teologia bíblica.

Alguém resumiu a salvação messiânica-marxista em quatro pontos, que fornecem uma boa compreensão do que seja o milenarismo comunista:

- I. A humanidade pecadora não será salva por nosso Senhor Jesus Cristo, mas por ela mesma;
- II. O método para alcançar a redenção consiste em matar ou pelo menos subjugar todos os maus, isto é, os ricos;
- III. Os pobres são inocentes e puros, mas não entendem seu lugar no projeto da salvação e por isso têm de colocar-se sob as ordens de uma elite dirigente, os “santos”;
- IV. O morticínio redentor gerará não somente a melhor distribuição das riquezas, mas a eliminação do mal e do pecado, o advento de uma nova humanidade.

Essa proposta do marxismo não é diferente em essência de outras propostas anteriores. Na verdade, todas as noções seculares de progresso parecem ter sido uma apropriação racional das esperanças bíblicas com respeito a um mundo melhor no futuro. Talvez a questão não seja tanto se haverá um futuro glorioso ou não. Talvez a maior questão seja como esse futuro chegará até nós.

Capítulo 11

▼ A possibilidade de mudar o futuro

A questão da possibilidade de o homem mudar o futuro não sai da pauta dos pensadores. Biblicamente falando, a salvação, seja em termos pessoais, coletivos ou cósmicos, é e será um ato do Deus Criador. É esta redenção que aguardamos: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.” (At 3.19-21).

Não podemos, de modo algum, acreditar que algum tipo de “Reino de Deus” possa ser levado a efeito pelo homem, por mais belas que possam parecer estas aspirações. Desejamos sim a redenção. Nossa e do universo. Mas isso só será possível pela graça e poder de Deus.

Assim diz Alain Besançon: “O conceito de progresso, entendido no sentido de uma transformação em profundidade do ser humano, sob a ação da história ou de uma vontade político-histórica, não pode ser aceito, pois ele faz depender da ação política uma transformação que, segundo a Bíblia, só se deve à graça divina. Quando o que só é possível pela graça divina se torna o objetivo da ação humana, esta visa realizar o impossível.”

Entretanto, essa questão da impossibilidade de se alterar o futuro tem despertado a atenção de muitos. Está muito ligada à noção de liberdade ou determinismo. O homem é livre em suas escolhas ou suas ações são determinadas por fatores alheios a ele, sobre os quais ele não tem poder algum de mudar? Encontramos essa reflexão em Paulo Freire, na sua obra “Pedagogia da autonomia”:

“Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável.”

“Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã. As pessoas, porém (inclusive de esquerda, para quem o futuro perdeu sua problematidade – o futuro é um dado dado), dirão que ele é mais um devaneio de sonhador inventado.”

“Não tenho raiva de quem assim pensa. Lamento apenas sua posição: a de quem perdeu seu endereço na História.”

“A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal, anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de história e cultural, passa a ser ou a virar ‘quase natural’. Frases como ‘a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?’ ou ‘o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século’, expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora.”

Se vamos estudar escatologia bíblica, o texto de Paulo Freire, ainda que completamente divorciado da reflexão teológica, nos lança na questão sobre um futuro divino inevitável versus outro futuro que possa ser mudado.

Linhas escatológicas, como o pós-milenismo, dão enorme destaque para o papel da Igreja na construção de um futuro que, senão literalmente semelhante ao reino descrito por Isaías, pelo menos alegoricamente é semelhante. Também essa noção de construção do futuro esteve presente nos movimentos anabatistas, de Munster, como antigamente estivera nos taboritas, da Boêmia. Esse conceito é um modelo de muitos outros que tentaram “implantar o Reino de Deus na terra”.

Essa tentativa humana de trazer um futuro glorioso e perfeito à existência, geralmente classificado como utópico, foi chamada por Alain Besançon, pensador francês, de “pelagianismo político”. Pelágio foi um pregador britânico, adversário teológico de Agostinho, que defendia a possibilidade de o ser humano fazer o bem se quisesse. Em sua concepção, não era necessária a graça de Deus, bastava o esforço humano para fazer o bem e tudo estaria resolvido. Em parte essa é a visão por trás da maior parte das manifestações ideológicas ou políticas classificadas na noção de construção do futuro, pois elas também acreditam que a humanidade pode construir uma sociedade perfeita, bastando para isso querer.

A grande verdade é que todas as tentativas de criar tal sociedade tiveram um resultado oposto. A Revolução Francesa, com seu lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, é um grande exemplo. Adorando a razão e substituindo qualquer autoridade religiosa pela autoridade do Estado, não demorou e estava instalado o chamado “Regime do terror”, que matou milhares de oponentes. Assim foi com os regimes socialistas e outros totalitários, como o comunista ou o fascista.

Alain Besançon diz que “Agostinho estimava que Pelágio se oprimisse sem, contudo, melhorar”. Essa tentativa só poderia resultar em opressão: “A transferência ao poder político da ideia pelagiana é mais destruidora, pois é o outro, enfim, são todos os outros, que serão corrigidos pela educação, se necessário, pela reeducação, em um muro cercado por arame farpado.”

Edmundo Burke, famoso historiador da escola chamada *História dos Annales*, após estudar muitas dessas tentativas de construção do futuro, afirmou que “um sofrimento considerável tem sido infligido à humanidade em nome do milenarismo ou da utopia política.” De fato, basta lembrar os milhares que morreram na construção do chamado Terceiro Reich, que deveria durar mil anos, ou ainda lembrar-se das gerações sacrificadas pelo comunismo em favor das gerações futuras. A construção do futuro sempre tem cobrado um alto preço, inclusive daqueles que não acreditam nela.

Capítulo 12

▼ A invasão do futuro

A invasão do futuro é uma visão relacionada à escatologia que vê as mudanças destinadas ao universo, ao planeta terra, e à humanidade como um resultado direto da ação divina. Não apenas o futuro glorioso, mas também as catástrofes futuras, ou pelo menos a maior parte delas, virão como resultado de uma ação externa.

Essa, geralmente, é a posição bíblica, em que tanto um tempo de ira quanto um tempo de transformação são resultados da vinda do Senhor. Ainda que as correntes escatológicas tenham divergências em pontos específicos, elas concordam que em algum momento haverá uma manifestação divina, acompanhando o retorno de Cristo à terra com finalidade de julgar ou redimir, mas sua presença faz parte da agenda do futuro.

Essa atitude frente aos eventos vindouros é corroborada pela ideia cristã da soberania de Deus em tudo. O Senhor é a origem de todas as coisas, inclusive das coisas novas. O retorno de Cristo é o próximo grande evento aguardado na história da salvação, assim como sua primeira vinda deu início ao cumprimento de milenares promessas. Olhar para o alto e aguardar o Senhor nas nuvens do céu é uma posição que reflete tal espírito. O juízo e a bênção vêm de Deus.

Isso jamais significou, para os que assim creem, uma justificção para a passividade. Pelo fato de não sabermos quando será essa “invasão do futuro” e pelo fato de que ela trará recompensas e castigo, a motivação para a ação está no próprio cerne desses acontecimentos. Se Deus vem de alguma forma, então temos de estar preparados. E essa preparação inclui santidade, serviço, obediência e outros fatores que impedem a afirmação de que Deus será o autor exclusivo do porvir, uma fonte de inatividade.

■ O futuro glorioso

Também não podemos esquecer-nos daqueles que olham o futuro como algo glorioso, o que de fato está de acordo com as Escrituras. O livro do Apocalipse encerra falando do fim da morte e do mal, do novo céu e da nova terra. Sabemos, sem dúvida, que esse é o fim planejado por Deus. O juízo é apenas um dos elementos no percurso dessa restauração. Mesmo a manifestação anticristã, tão presente no livro do Apocalipse e no restante da Bíblia, faz parte dos momentos finais para a redenção de todas as coisas.

Entretanto, há uma perspectiva escatológica que vai um pouco além dessa visão positiva do futuro. Geralmente classificada como universalismo, ela não deixa qualquer espaço para a punição do mal.

Existem diversas doutrinas fora do escopo cristão que levam este nome, a maioria com uma noção monista ou hinduísta. O universalismo a que nos referimos aqui é aquele que ensina que todos os homens, no fim, serão salvos, argumentando que Deus é amoroso demais para excluir alguém do céu.

Outra doutrina bem parecida com esta é o restauracionismo. A doutrina da restauração de todas as coisas ensina que o inferno não é eterno, mas apenas uma experiência temporária que tem por fim purificar o pecador para que possa entrar no céu.

Embora não tenhamos necessidade de nos aprofundar no tema já desenvolvido das utopias, a verdade é que muitas delas também se encaixam nesse perfil de futuro glorioso. Divorciadas da necessidade de interferência divina para se criar tal “admirável mundo novo” (para citar uma delas), os utopistas acreditavam na possibilidade de perfeição social e individual a um nível bastante elevado. Olhando para muitas delas, podemos até mesmo pensar em quão infantil foram os seus criadores.

Algumas religiões, principalmente originadas no extremo oriente, pregam a bondade inerente do ser humano. Isso geralmente as tem levado alguns a projetarem para o futuro um mundo onde só existirá a paz e o amor. Podemos citar a Igreja Messiânica Mundial, uma religião que, apesar do nome, é de origem japonesa e tem em Mokiti Okada (1882-1955) o seu messias. Assim seus fiéis acreditam sobre o paraíso terrestre: “O Paraíso Terrestre pode ser compreendido como o Mundo dos Felizes. Será um mundo de alta civilização, isento de doença, pobreza e conflito. Cabe a nós, entretanto, encontrar a forma de minorar o sofrimento humano e transformar em paraíso este mundo repleto de males. Inicialmente, precisamos descobrir como eliminar a doença, pois, entre as três grandes desgraças que citamos, ela é a principal. Em seguida, temos de vencer a pobreza, cuja causa primária é a doença; os pensamentos errados, as falhas políticas e a deficiente organização social são causas secundárias. Quanto à inclinação para o conflito, esta é motivada pelo estado selvagem da qual a humanidade ainda não conseguiu se libertar.

Portanto, é essencial eliminar as três grandes desgraças. A obra já foi iniciada por nós. A profecia de Cristo se realizará com a construção do Paraíso Terrestre, efetuada pela nossa Igreja."

No campo religioso, a natureza do futuro é pintada sempre com imagens de bem e beleza. Na verdade, o fim é retratado como a restauração do começo. O paraíso passado torna-se o paraíso futuro. A base para aquilo que o mundo virá a ser é reflexo do que ele já foi um dia. Isto não apenas para religiões bíblicas, mas também para religiões indiretamente derivadas da Bíblia e até mesmo para outras fora desse contexto, como no caso do taoísmo.

É interessante aqui discorrer um pouco mais sobre a influência do paraíso sobre o pensamento escatológico. Um paraíso passado, embora seja destacadamente um elemento da revelação bíblica, fez também parte da fé de inúmeros povos. Sérgio Buarque de Holanda, historiador brasileiro, escreveu um livro sobre isso. Em "Visão do paraíso", ele procurou mostrar o quanto isso motivou as navegações e as ideias que os europeus tinham sobre o novo mundo: "Não careceu, naturalmente, o mundo greco-romano, como não careceu nenhuma civilização, da lembrança, zelosamente cultivada, de um estado de delícias e venturas que teria a humanidade vivido no começo dos tempos, e que alguma terrível catástrofe viera a frustrar sem remédio."

Uma "Idade do Ouro" esteve presente na cultura dos povos. O futuro seria como esse paraíso ou talvez melhor. O livro "Do paraíso perdido ao paraíso recuperado", das testemunhas de Jeová, reflete bem esse conceito.

Mesmo o marxismo, que como já vimos é uma forma secularizada da esperança cristã, também teve o seu "paraíso". Este conceito pode ser facilmente encontrado nos livros de história, sob influência dessa ideologia, com o nome de "modo de produção da sociedade primitiva". Essa era uma forma de sociedade perfeita, porque não havia sido cometido ainda o pecado da "propriedade privada" que, para os ideólogos do comunismo e semelhantes, era uma espécie de "queda edênica".

A passagem da "propriedade coletiva dos meios de produção" (terras, campos, água, etc) foi substituída por uma sociedade com "propriedade privada dos meios de produção". Isso significou a mudança de uma forma de organização social sem classes para uma forma de sociedades de classe. O estágio final, que seria o comunismo, é justamente esse retorno a uma sociedade sem classes e sem propriedade privada dos meios de produção: a recuperação do "paraíso perdido". Os modos de produção: asiático, escravista, feudalista, capitalista e socialista seriam estágios até a "redenção final".

Seja por interferência divina, seja pela ação humana, a ideia de um futuro glorioso constitui crença de boa parte da população do mundo. Faz parte da esperança insistente no ser humano, apesar dos sofrimentos e imperfeições do presente.

■ O futuro tenebroso

Essa visão geralmente adquire um tom mais pessimista, segundo o qual o ser humano só é capaz de produzir o mal na história e produzir um estado de coisas nocivo. Essa situação é bem retratada em muitos filmes de ficção científica. Em boa parte deles, o futuro é tenebroso por causa da ação humana.

Também nesta categoria podem ser incluídas as chamadas “distopias”, que seria o inverso da utopia. As distopias, geralmente, sugerem um governo despótico que controla a tudo e a todos, bem semelhante ao mundo da obra “1984”, talvez o maior exemplo de distopia. O livro de George Orwell tornou-se um clássico nesse sentido.

Além da qualidade do livro como romance, ele apresenta conteúdos filosóficos de um modo prático. Como todo clássico que se presa, transcende o local e o imediato para se projetar como uma grande obra universal, revelando o totalitarismo em toda a sua crueza e em qualquer época. O livro tem uma conotação profética, como que querendo antecipar uma situação futura, uma espécie de distopia ao lado de outras tantas.

Não é difícil associar a figura do “grande irmão” com o anticristo da Bíblia. Ele é adorado, sua imagem está em todos os lugares, ele tem domínio sobre todos, ele mata todos os que se opõe a ele. Ele é absoluto sobre todas as situações. Embora George Orwell tivesse em mente os totalitarismos de sua época, a situação parece realmente futura.

A teletela antecipa o papel da televisão e da internet do mundo moderno e, de certo modo, também nos faz lembrar a imagem que tem espírito e fala, conforme descrita no livro do Apocalipse.

O livro está repleto de reflexões também na área da verdade e da comunicação. A manipulação das informações da mídia recria constantemente a realidade. As verdades perdem toda a sua natureza objetiva e absoluta para se tornar produto da imprensa e dos serviços de informação em geral. Embora o alvo inicial fosse mostrar a manipulação da imprensa por parte dos governos nazista e russo, a forma como isto é expresso no livro termina por apresentar aspectos filosóficos e práticos de ações como esta.

A frase “quem controla o presente, controla o passado; quem controla o passado, controla o futuro”, sintetiza inúmeras ideias dentro da abordagem filosófica da história e também da política. Isso foi e é feito continuamente não apenas por governos totalitários como também por democráticos.

A mensagem do livro parece ser uma análise e ao mesmo tempo um alerta sobre um possível mundo totalitário, no qual o controle é exercido por um grupo que entendeu as leis de controle. Ao invés da arte pela arte, aqui temos o poder pelo poder. Não existem ideologias utópicas ou esperanças milenaristas.

Somente existe o desejo de se manter no poder e tudo o que é feito é feito com a intenção de manter tal poder. Sua instituição é feita de tal forma que não existe escape para fora do sistema criado. Não há outra possibilidade senão se sujeitar à lógica do sistema opressivo como única opção.

Além da manipulação das informações demonstradas na história, existe a manipulação das próprias palavras. Ao invés das palavras serem uma forma de expressar a realidade, elas se tornam uma forma de esconder a realidade. A limitação do vocabulário é propositalmente feita na intenção de limitar o pensamento. Se não há como expressar, não há como pensar. Para se ter uma ideia da validade dessa prática, basta lembrar que no período nazista não se falava em morte de judeus, ou genocídio, ou extermínio. Era apenas limpeza étnica. O termo queria atenuar a ideia. O livro do Orwell conseguiu captar esse procedimento de modo genial.

Até mesmo a criação de um inimigo fictício e de toda uma organização por trás dele tinha por intenção preencher uma necessidade psicológica por oposição. A mente humana reage muito melhor quando tem que agir contra alguma situação do que quando tem que agir por mera concordância.

Por tudo isso, “1984” permanece um clássico que precisa ser lido por pessoas de várias áreas do conhecimento humano. Entender os mecanismos do pensamento e dos métodos totalitários é uma forma de proteger nosso futuro. Essa obra trata de uma distopia por excelência.

Geralmente, as distopias sempre estiveram ligadas a uma noção de mundo onde não há Deus guiando o seu destino. Segundo essa filosofia ateuista, a vida e o universo não apresentam qualquer sentido e, portanto, não há razão para se esperar um futuro venturoso. O homem é fruto do acaso e assim como surgiu sem qualquer motivo, desaparecerá sem qualquer motivo.

É fácil perceber tal atitude filosófica em Julian Huxley, amigo de Wells, com quem ele compartilhava opiniões. Sua visão em face da vida era de que esta não tinha o menor sentido: “Eu tinha razões para querer que o mundo não tivesse um sentido; consequentemente, pressupus que não tivesse, e, sem qualquer dificuldade, consegui encontrar motivos satisfatórios para essa suposição. O filósofo que não encontra sentido algum no mundo não está preocupado exclusivamente com uma questão de metafísica pura; também se interessa em provar que não existem razões válidas devido às quais não se deva fazer o que quer, ou pelas quais seus amigos não devam tomar o poder político e o governo da maneira que acharem mais vantajosa para si mesmos (...) Quanto a mim, a filosofia da ausência de sentido foi basicamente um instrumento de libertação, tanto sexual como política.”

Como podemos ver, a escatologia de uma pessoa diz muito não só sobre a sua filosofia de vida, mas também demonstra muito dos fundamentos por trás de suas ações. Os que imaginam um futuro sem sentido acreditam em um presente sem sentido.

Capítulo 13

▼ Escatologia mínima

Como vimos, ao tratar de escatologia, estamos falando de uma gama quase infinita de visões, opiniões, ideias, conceitos que envolvem não apenas o amanhã, mas o hoje e até mesmo o ontem. Passado, presente e futuro se entrelaçam quando o assunto converge para a questão: como será o futuro? Vai muito além do campo da teologia e invade filosofia e política. Gera ações e reações mil, tanto em religiosos como em não religiosos e ainda mesmo nos próprios ateus.

Para nós, crentes na inspiração das Sagradas Escrituras, qualquer escatologia que dela não se origine, é indigna de crédito, não importando quão bem elaborada seja. Nesse contexto, o marxismo com sua sociedade sem classes, e o nazismo com o predomínio da raça ariana, são ideias escatológicas completamente descartáveis. O mesmo se pode dizer das visões mais pessimistas, dignas apenas se não houvesse um Deus para dar sentido ao mundo.

Nós, crentes, acreditamos que o futuro pertence a Deus e os propósitos divinos são eternos, tanto no que diz respeito à origem, quanto no que diz respeito ao destino. Nada escapa aos desígnios de Deus. A Bíblia é um livro repleto de palavras sobre o futuro. Embora igualar profecia à predição seja definitivamente errado, as escrituras proféticas contêm inúmeras predições e afirmações sobre o futuro preparado por Deus. Esse tema permeia toda a Bíblia e não pode de forma alguma ser ignorado: “Lembraí-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e o homem do meu conselho, desde terras remotas; porque assim o disse, e assim acontecerá; eu o determinei e também o farei.” (Is 46.9-11).

Diante disso, todo nosso pensamento escatológico deve estar embasado nas declarações divinas com respeito ao futuro. A Bíblia é o nosso guia e nenhum outro livro ou ideologia pode substituí-la na compreensão e confiança do que o futuro trará.

Entretanto, mesmo as profecias que supostamente se originam das Escrituras precisam ser devidamente analisadas e julgadas. A Bíblia não é um livro de teologia sistemática. As declarações a respeito do tempo do fim não estão organizadas de forma temática que nos permitem (com um primeiro olhar) declarar exatamente tudo o que ocorrerá. Entender todo o material nela contido requer dedicação, esforço, aplicação, estudo. Toneladas de análises das profecias bíblicas já foram escritas e há um enorme trabalho para separar o joio do trigo e retirar o que de fato é crível. Os interessados em escatologia, como em qualquer ramo do conhecimento, precisam ser pessoas amantes do saber e da verdade, dispostas a pagar o preço do esforço e da dedicação, sem se contentar com explicações superficiais e rápidas.

Reconhecemos que mesmo tomando esses devidos cuidados, não há um consenso universal e absoluto quando se trata de escatologia. Muitos questionam por que não há consenso entre as denominações evangélicas sobre a doutrina das últimas coisas. Como em outras questões teológicas, pergunta-se por que há tantas linhas escatológicas e discordâncias em diversos pontos. Fala-se de total falta de consenso.

Isso não é verdade. Há mais consenso do que se imagina, especialmente nas questões principais. Nos detalhes, porém, digamos que há diversidade, não divergência. Quem conhece a história da Igreja, sabe que as grandes doutrinas hoje aceitas por unanimidade foram debatidas por décadas, ou por séculos, até se chegar a definições mais exatas e aceitações mais amplas quanto aos detalhes. Com a escatologia não é diferente. A Igreja está no caminho certo e muito de positivo já foi feito.

Em linhas gerais, temos os pós-milenistas, os pré-milenistas e os amilenistas. Os pós-milenistas (que atualmente são raros) veem a Igreja como transformadora do mundo, instaurando o cristianismo ou sua influência no mundo todo. Depois disso, Cristo virá. O milênio, para os pós-milenistas, não significa mil anos literais. Os amilenistas não creem que Cristo governará na terra por mil anos. E os pré-milenistas, a grande maioria dos cristãos brasileiros e os mais fundamentalistas, creem que Cristo voltará e instaurará um governo de mil anos na terra, juntamente com sua Igreja. Creem também em um período de domínio do anticristo, denominado de Grande Tribulação. Aqui há aqueles que creem que a Igreja passará pela grande tribulação (pós-tribulacionistas) e os que creem que Cristo virá arrebatá-la antes disso (pré-tribulacionistas). Os amilenistas comungam com os pré-milenistas em uma visão pessimista do mundo. O pecado e suas características negativas, conforme descrito em Mateus 24, tem-se alastrado no mundo, o que resultará no fim de todas as coisas.

Contudo, nesse universo de correntes diferentes, existem pontos nos quais há concordância plena. Podemos dizer até mesmo que a concordância é tão ampla que negar esses pontos constitui heresia. Como exemplos, podemos citar a ressurreição, o juízo final, o reino de Deus como algo presente e futuro ao mesmo tempo, e a vinda corpórea de Cristo. Os detalhes, como em todas as ciências, podem sofrer variações de opiniões sem, contudo, invalidar sua utilidade.

Não é difícil, diante desses fatos consolidados, os cristãos, de forma geral, fazerem apologia à escatologia bíblica. A diversidade de forma alguma é tão intensa que anule a unidade. Há questões, por exemplo, como a vinda corporal de Cristo (e não espiritual, como alguns pregam) e a imprevisibilidade desse advento (não se pode estabelecer datas), que são fatores aceitos por unanimidade. As seitas, normalmente, desviam-se nesses pontos. Além disso, outros assuntos, como o reino de Deus e a ressurreição dos mortos possuem muito material escriturístico com o qual se pode trabalhar para rebater heresias sem cair em um dogmatismo prejudicial à unidade da Igreja.

Devemos reconhecer que a sistematização da doutrina escatológica da Igreja é de origem recente. Até porque a Igreja trabalhou com outras doutrinas no decorrer de sua história. Somente nos dois últimos séculos tem-se voltado para a escatologia. Essa preocupação, ainda que aparentemente tardia, tem produzido extensos e consideráveis trabalhos nesse campo. Somos uma geração rica em estudo e compreensão escatológica. Sabemos muito mais do que nossos antecessores.

Como em qualquer ramo do conhecimento, é necessário que cada linha escatológica desenvolva argumentos para sustentar suas afirmações. Quem tiver maior número de argumentos e solidez ganhará credibilidade. O mesmo ocorre com quem conseguir responder, com mais segurança, às dúvidas levantadas. Ário não conseguiu vencer com sua cristologia (que fazia de Jesus mera criatura) porque seus oponentes tinham mais e melhores argumentos bíblicos para sustentar suas afirmações e, com isso, podiam responder com mais segurança às objeções de Ário.

Não podemos também deixar de fazer referência, pelo menos uma referência inicial, para o aspecto escatológico presente em seitas de nosso tempo. Adventistas e testemunhas de Jeová podem ser classificados inicialmente como grupos heréticos do ponto de vista escatológico. Seus sistemas de crenças iniciais deram destaque central para o tema, como inclusive o próprio termo “adventismo” revela. Suas ideias se desenvolveram a partir do elemento preditivo e foram atingindo outras questões teológicas.

Por esse motivo, a necessidade de uma escatologia mínima para o cristianismo torna-se até mesmo uma necessidade apologética. Se a Igreja não apresentar contornos e perfis firmes e sustentáveis quanto ao que a Bíblia diz sobre o futuro, outros grupos o farão e isso já tem acontecido com frequência.

Astrólogos, tarólogos, futurólogos, cartomantes e outros adivinhos e esotéricos exercem grande influência em nossa sociedade. Nessa lista se incluem muitas das chamadas seitas proféticas, ou seja, grupos pseudo-cristãos, cujas doutrinas alegam apoio bíblico e a faculdade de predizer o futuro.

É aqui que a Igreja deve cumprir o seu papel, porque as pessoas têm anseios quanto ao futuro do mundo e de si mesmas, e merecem receber uma resposta bíblica por parte da verdadeira Igreja que, muitas vezes, não corresponde. Então, as seitas e os hereges procuram satisfazer os anseios das pessoas, mas de forma distorcida, levando-as a atos inconsequentes. As testemunhas de Jeová, por exemplo, fizeram que milhares de pessoas deixassem seus empregos e vendessem seus bens, a fim de se doarem à organização. O fato ocorreu em 1975. Isso, no entanto, não significa que a Igreja de Cristo tem a obrigação de responder aos anseios e às curiosidades individuais quanto ao futuro. A Bíblia nos dá apenas um horizonte a respeito do fim da história em termos universais.

O estudo da escatologia bíblica pode ajudar eficientemente o cristão em sua fé. Isso ocorre pelo fato de o cristão saber que a sua fé não está alienada do mundo, antes, está relacionada ao dia a dia, baseada nos acontecimentos que podem ser verificados nos livros de história e nos jornais. A pergunta: "Para onde vamos?" também é respondida pela Bíblia, não apenas para o indivíduo, mas para toda a humanidade. Fugir de um conhecimento mínimo de escatologia é permitir uma lacuna nos pensamentos e visões do mundo por onde escaparão elementos essenciais à compreensão da salvação.

▼ Conclusão

Talvez, até então, muitos não tenham compreendido a amplitude que a questão escatológica tem dentro da história e mesmo dentro das ações humanas. O termo “escatologia” assusta pela sua especificidade, mas a ideia de pensar o futuro, como vimos, nunca foi estranha ao ser humano. O assunto se reveste de importância vital quando está inserido no contexto e nas cosmovisões do mundo. Para isso, temos um exemplo histórico relevante. Quando Hitler subiu ao poder, muitos líderes religiosos viram nele o homem escolhido por Deus para implantar o Reino de Deus na terra. Outros, talvez um pouco mais tarde, o identificaram com “a besta do Apocalipse”. Duas visões antagônicas a respeito da mesma pessoa, motivadas por diferentes visões escatológicas. Esse fato, por si só, demonstra o quanto falar de escatologia não é falar de alguma doutrina exótica pertinente apenas a teólogos e especialistas. Como todo conhecimento, a escatologia envolve decisões éticas e práticas das quais é impossível fugir.

Se é verdade que todas as pessoas possuem uma filosofia e uma teologia, embora nem sempre saibam discerni-las e descrevê-las, também é verdade que todas possuem uma escatologia, ainda que não possam também discerni-la e descrevê-la. A escatologia é tão essencial para a vida quanto a esperança, se é que não são sinônimas.

▼ Referências bibliográficas

- ✓ AQUINO, Rubim Santos Leão de; LOPES, Oscar G. P. C.; LEMOS, Nivaldo Jesus F. de. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Livraria Eu & Você, 1981.
- ✓ AURÉLIO, Marco. *Meditações*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ✓ BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ✓ DURANT, Will. *Nossa herança oriental*. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- ✓ EBAN, Abba. *História do povo de Israel*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1982.
- ✓ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ✓ GEISLER, Norman; AMANO, J. Yutaka. *Reencarnação*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.
- ✓ GIBRAN, Kalil. *O profeta*. Rio de Janeiro: Mansur Challita, 1999.
- ✓ GONÇAVES, Daniel Issa. *O Peabirú: Uma trilha indígena cruzando São Paulo*. São Paulo: USP, 1998.
- ✓ HEILBRONER, Robert. *A história do pensamento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ✓ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visões do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ✓ KAHLER, Erich. *Que és la historia?* México: Fondo de Cultura Económica, 1966.
- ✓ KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978.
- ✓ LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- ✓ MACLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ✓ MATTELART, Armand. *História da utopia planetária*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- ✓ MCDOWELL, Josh. *Evidência que exige um veredicto*. São Paulo: Candeia, 1996.
- ✓ MOLTSMANN, Jurgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Teológica, 2003.
- ✓ NOUWEN, Henri. *O fruto da solidão*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ✓ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

- ✓ PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos*. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- ✓ PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Ediouro, 1986.
- ✓ SNYDER, John. *Reencarnação ou ressurreição*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- ✓ TELES, Antonio Xavier. *Introdução ao estudo da filosofia*. São Paulo: Ática, 1991.
- ✓ TOYNBEE, Arnold. *Um estudo da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- ✓ WILSON, David A. *A história do futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.



www.saberefe.com
Acesse agora!

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2016 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ